



CÔA VISA O

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 13 • ANO DE 2011

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 13 • ANO DE 2011

Trabalho coordenado por
JOSÉ MANUEL COSTA RIBEIRO
ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO

Foto da capa:
Foz do Rio Côa de José Ribeiro

Composição e impressão:
Còa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. – V. N. de Foz Côa
Depósito Legal n.º 121116/98
ISBN 978-972-8763-23-7

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2011

Índice

Prefácio	5
Introdução.....	7
Um olhar sobre o Vale do Côa	9
A rocha gravada de Redor do Porco. Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre no rio Águeda (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo)	15
Hacia la etapa de esplendor de Foz Côa	21
O valor de uso turístico do Património Arqueológico: arqueologia, turismo e sustentabilidade no Vale do Côa	25
Aspectos etnográficos da cultura tradicional da amêndoa no Douro Superior.....	35
O cortejo alegórico/etnográfico, como factor de socialização e de dinamização do tecido social	47
Prémio Fundação Ilídio Pinho “Ciência na Escola” Esc. Secundária Tenente Coronel Adão Carrapatoso V. N. Foz Côa em destaque ...	53
Arquivo de memória do Vale do Côa.....	57
Sentimentos – momentos vários	69
O princípio do fim dos comboios na nossa região	73
O encanto das amendoeiras em flor.....	77
Ao correr da pena – memórias e sonhos literários	81
Um sonho interrompido e alguns rudimentos de literatura ibérica.....	83
A tecnologia têxtil	85

A construção do caminho-de-ferro e a polémica acerca da localização das estações na última secção: no Côa e na Olga, ou apenas nas Pariças?	109
A républica vista de longe	119
Projecto de criação de núcleos museológicos e/ou centros de interpretação nas áreas dos concelhos de Mêda e V. N. de Foz Côa	127
Trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento – intervenção de 2010	149

Arquivo de memória do Vale do Côa

BÁRBARA CARVALHO
MARIA SOTTOMAYOR¹

O PROJECTO

O projecto Arquivo de Memória do Vale do Côa é uma iniciativa da ACÔA - Associação de Amigos do Parque e Museu do Côa e que surge em Junho do ano de 2010 na sequência de uma candidatura apresentada à Fundação Calouste Gulbenkian, enquadrada no Programa de Desenvolvimento Humano – Entre Gerações.

O Programa de Desenvolvimento Humano promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian ocorre num cenário social sentido e vivido por todos nós actualmente, num mundo cada vez mais fixado por um tempo acelerado, preenchido, muitas das vezes, esgotado. *Torna-se premente a escolha do caminho que pretendemos para nós e para a sociedade, com vista à construção do Ser Humano na sua totalidade e, consequentemente, da sociedade que nos envolve.* (Marquês, 2009). O início do século XXI trouxe-nos o avanço tecnológico, o progresso científico e económico mas, paralelamente, produziu uma sociedade cada vez mais marcada pela diversidade cultural; por novos desafios demográficos; pela exclusão e pelas desigualdades sociais e, sobretudo, pelo afastamento do indivíduo do todo social.

Este cenário torna-se mais preocupante quando vemos que a sociedade contemporânea é maioritariamente composta por rostos envelhecidos, marcados pelas felicidades e dissabores de uma vida. Uma vida que, à medida que o tempo passa, se vai tornando cada vez mais solitária, assistida, distante do lugar onde nasceu, carente de laços humanos e familiares essenciais ao bem-estar de qualquer ser humano.

A vulnerabilidade actual das estruturas sociais associada ao crescente envelhecimento demográfico justifica que todos nós consagremos uma maior atenção a estas questões. É necessário criar, manter e reforçar laços humanos para que se construam novos percursos de vida e se implementem ligações sociais mais sólidas e sustentadas.

As dinâmicas intergeracionais construtivas são estratégias que podem resultar numa das respostas a estes problemas sociais emergentes, contribuindo em grande parte para a “fortificação” de laços humanos e consequentemente, enraizar a população ao seu território. *Ao valorizarmos interações que fomentem o respeito, o conhecimento, a dignidade, a autonomia e a solidariedade estaremos a desmontar o paradigma da velhice velha (antiquado, usado, gasto) e a construir um novo no sentido dos Vividos, activos, participativos, motivados e, acima de tudo, humanos.* (Marquês, 2009).

Foi no sentido de diminuir as assimetrias sociais e de lutar contra os preconceitos associados à velhice que a Fundação Calouste Gulbenkian lançou o designado programa, apoiando um conjunto de sete projectos que se propõem a trabalhar, a partir de uma abordagem proactiva e flexível, *na promoção da coesão social e diminuição do isolamento dos idosos, através do estreitamento das relações entre os diferentes grupos etários.* (Sítio Web do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano – Entre Gerações).

O projecto Arquivo de Memória do Vale do Côa surge como resposta a este programa com uma missão bem definida, na qual, o património e a intergeracionalidade ganham novos contornos ao serviço da intervenção social e do conhecimento.

¹ Equipa de dinamização do projecto juntamente com Inês Melhorado, Mafalda Nicolau de Almeida e Alexandra Cerveira Lima (mentora do projecto).

Promover a qualidade de vida das comunidades do Vale do Côa através do desenvolvimento das práticas intergeracionais; atenuar as barreiras geracionais através do conhecimento e dinamização do seu património e, fomentar a investigação e a conservação do património cultural contribuindo para o aumento da auto-estima das comunidades locais e da satisfação dos visitantes do Vale do Côa, são alguns dos objectivos deste projecto que, acima de tudo, pretende ser um projecto de todos e para todos, um projecto onde cada um dos participantes pode fazer a diferença.

Acreditamos que no Vale do Côa um projecto com estes desígnios faz todo o sentido, já que é um local por excelência de encontro entre o que é de ontem e o que é de hoje, entre a criatividade humana mais remota e o conhecimento produzido que a trouxe até nós. O seu património imaterial e toda a sua herança cultural e natural representam, a nosso ver, o maior potencial desta região. É difícil, para quem visita o Côa, esquecer a sua paisagem mediterrânica, as suas cores de aquarela, os seus sabores de verão, as suas “gentes”, e toda a magia de um vale encaixado, repleto de História e Biodiversidade.

É grande o seu potencial, e por isso torna-se importante promovê-lo, diversificá-lo, dar-lhe alma, a alma de quem o vive e o viu transformar-se. É necessário preservá-lo, mas, para que tal aconteça, é preciso que o seu património seja assumido e acarinhado por quem aqui vive.

Por outro lado, sabemos que o Vale do Côa, tal como outras regiões do interior raiano, sofre bem de perto os problemas consequentes do processo de desertificação. Os fluxos migratórios do passado e de hoje esvaziaram, pouco a pouco, as localidades que ladeiam o vale, deixando apenas traços de memória e ecos de nostalgia. Os filhos e netos de quem ficou, crescem já com a consciência de que um dia também eles partirão, em busca de mais e melhor, noutra cidade, noutra país e, neste vai constante, vão permanecendo as vozes de quem os vê partir. Ficam os mais velhos, os que dão o nome à terra que os criou, na dureza, no trabalho, num tempo em tudo era diferente...

Foi com a consciência do grande valor do património intangível do Vale do Côa, do quanto se torna importante recuperar e valorizar as memórias dos seus habitantes que a equipa que lidera este projecto se propôs a colocá-lo em andamento, acreditando que ele pode trazer um conjunto de mais-valias a este território, às suas “gentes”, e a quem o visita.

Sendo um projecto marcadamente imaterial, assenta no que são as raízes mais profundas e valiosas do território: os seus habitantes. É com eles que esta iniciativa se compromete trabalhar. Numa dinâmica interactiva e sistemática, cremos poder proporcionar aos jovens, idosos e a toda a comunidade, um conjunto de experiências partilhadas que lhes permitam consolidar e valorizar a sua identidade colectiva, dignificando e valorizando as suas tradições, os seus saberes, e as suas memórias.

Neste sentido, o projecto-piloto que neste texto apresentamos, e que já se encontra em fase execução, foi estruturado através de duas linhas de acção distintas, mas interligadas.

Uma primeira, que actua na aproximação e contacto entre as várias gerações, sobretudo entre as mais novas, de idade escolar, e as mais velhas que se encontram inseridas em instituições de solidariedade social (Lares e Centros de Dia). Este processo de “ligação” faz-se recorrendo ao diálogo, ao método da entrevista; à partilha de documentos portadores de histórias e à aplicação das novas tecnologias, através das quais são digitalizados e acondicionados os espólios familiares (fotografias, cartas, documentos institucionais antigos etc.) e registados episódios da memória individual e colectiva de cada um dos intervenientes. Esta abordagem permite que as diferentes gerações partilhem um conjunto de experiências de aprendizagem e de valores fundamentais que operam no combate à solidão, na valorização de um conhecimento assente na oralidade, na construção de uma identidade local e, finalmente, na criação de novo laços humanos.

Paralelamente, o projecto foi orientado para uma segunda linha de acção, mais direccionada para preservação, investigação e promoção das memórias recolhidas, que consideramos serem

extremamente valiosas para estudos em torno da História Local. Neste sentido, trabalharemos na criação de um arquivo vocacionado para o património cultural imaterial do Vale do Côa, no qual todos os registos realizados e documentos digitalizados serão posteriormente incorporados e sistematizados numa base de dados que se encontra em construção no Museu da Casa Mouzinho em Freixo de Numão.

Inicialmente, em fase de candidatura, este projecto-piloto tinha sido pensado de modo a ser disseminado pelas várias freguesias do concelho de Vila Nova de Foz Côa. Porém, após o seu planeamento, percebemos que não iríamos dispor de meios técnicos, financeiros e humanos para abarcar tamanha abrangência geográfica. Tendo em conta a duração do projecto, os meios disponíveis, e os conteúdos de trabalho definido com as parcerias, fomos constrangidos, pelo menos nesta etapa de projecto-piloto, a cingir a iniciativa às instituições da cidade de V. N. de Foz Côa.

De forma a atingirmos os objectivos aos quais nos propusemos foi necessário, numa primeira fase, definir uma equipa de trabalho e uma rede de parcerias institucionais² que se pudessem articular no sentido de se estabelecerem as condições necessárias ao desenvolvimento do projecto. Sendo uma iniciativa assente nos valores da intergeracionalidade e do património imaterial foi essencial criar algumas parcerias alicerçais, neste caso, a Escola Secundária Tenente Coronel Adão Carrapatoso e a Santa Casa da Misericórdia da Vila Nova de Foz Côa.

É nestas instituições que o projecto decorre regularmente. Na Escola Secundária colaboram connosco duas turmas no âmbito da disciplina de *Área Projecto*, o 7º A e três alunos do 12º A. Na Santa Casa da Misericórdia estamos envolvidos com a maioria dos seus utentes. São estes alunos, juntamente com os idosos residentes e do apoio domiciliário do Lar da Nª. Sª. Da Veiga,

os actores principais do desenvolvimento deste projecto dando corpo aos seus conteúdos.

Num trabalho de aprendizagem permanente e de equipa, estes actores trocam experiências, valores, vivem momentos e reavivam memórias, viajam entre um passado vivido e um futuro com novos desafios. Destas práticas intergeracionais resultam entrevistas, actividades de animação, momentos gravados e fotografados que permanecerão para sempre na memória de cada um dos participantes.

Em consonância com o trabalho sistemático em torno destas instituições, o projecto vai igualmente chegando à restante comunidade para que também ela participe de forma activa no seu desenvolvimento e no fortalecimento da identidade colectiva local que pretendemos estimular. Temos a consciência que não podemos ainda chegar a todos mas para lá caminhamos. Neste contexto, foi extremamente importante a criação de canais de divulgação e a associação a redes sociais que nos permitissem chegar mais perto de quem segue o projecto, não só localmente, como também a nível nacional e internacional.³

No início do projecto, promoveram-se várias acções de forma a implementar e criar as estruturas necessárias ao seu desenvolvimento. Neste momento está decorrer uma segunda fase, de desenvolvimento, mais centrada no trabalho de recolhas de histórias de vida e de documentos que serão posteriormente trabalhos pelos alunos e pela equipa da ACÔA de modo a serem divulgados junto da comunidade.

Ainda resta um longo caminho a percorrer, mas *quem corre por gosto não cansa*. É este o nosso lema diário que nos dá a força para levarmos a bom porto este projecto que acreditamos poder vir a marcar o Vale do Côa.

A ACÇÃO

Passaremos agora à descrição pormenorizada das acções que o projecto implementa diariamen-

² São parceiros institucionais deste projecto a Câmara Municipal e Junta de Freguesia de Vila Nova de Foz Côa; a A.C.D.R. de Freixo de Numão; a Fozcôactiva, E.E.M; o Parque e Museu do Côa; o Arquivo Nacional da Torre do Tombo e, mais recentemente a Comissão Nacional da Unesco.

³ Sítios onde podem seguir o projecto: arquivodememoriado-valedocoa.blogspot.com/ <http://www.facebook.com/arquivodememoriavaledocoa#!/profile.php?id=100001728154832>

te, dentro da comunidade, com vista a cumprir os seus objectivos. As nossas grandes metas são, como já foi dito, aproximar as camadas mais jovens aos idosos e valorizar o património imaterial da região. Tais tarefas implicam um trabalho diário e permanente de sensibilização, para que todas as acções se desenvolvam de forma inteira e consciente.

Foi necessário envolver os jovens e esclarecê-los sobre o que estão a fazer e porquê. Questioná-los. Mostrar-lhes a importância que tem cada um deles para o sucesso do projecto. Despojá-los de preconceitos em relação à velhice. Aos idosos, precisámos de lhes fazer ver que ainda sabem muito, mesmo quando dizem que já esqueceram tudo. E de ouvi-los, de mãos dadas, com muita atenção.

Aulas

De momento temos duas turmas da Escola Secundária Tenente Coronel Adão Carrapatoso a trabalhar connosco – o 7º A e 3 alunos do 12ºA – no âmbito da disciplina de Área Projecto. Numa primeira fase, e durante o 1º período do ano lectivo, tentámos acima de tudo oferecer aos alunos a consciência e as ferramentas que este projecto precisa para ser implementado. Convidámos diversos profissionais, de áreas transversais à nossa acção, para virem dar formação aos alunos. A Sandra Naldinho, do Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, coube ensinar aos jovens como se cria e desenvolve um arquivo. Inês Melhorado, antropóloga e nossa permanente colaboradora, apresentou o método de investigação antropológico que estamos actualmente a aplicar na construção do nosso arquivo: a recolha de histórias de vida. João Romba, fotógrafo profissional, ajudou os alunos a melhor entenderem o dispositivo fotográfico de forma a poderem utilizar correctamente os equipamentos que dispomos e que adquirimos com o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Renata Moraes, Designer, falou sobre a função do Design e o valor da imagem. E finalmente, Tiago Pereira, realizador ligado à temática do património imaterial português, encarregou-se

de lhes dar formação sobre vídeo, animação e manipulação de som. Todas as formações foram muito bem recebidas, tanto por parte de alunos como de professores, e incluíram sempre uma parte prática ou interactiva para cativar os alunos e prepará-los devidamente para as acções futuras do projecto.

Logo no início do 2º período, passámos da teoria à acção. Para o 12ºano foram agendadas entrevistas com vários idosos: alguns utentes do Lar, mas também outros idosos da comunidade fozcoense. Com o 7º ano, e devido ao número superior de alunos, dividimos a turma em 5 grupos e atribuímos 5 tarefas diferentes pelas quais todos tiveram que passar. Basicamente, e em cada aula, dois grupos vão ao Lar Nossa Senhora da Veiga e outros três ficam na sala de aula. Um dos grupos que vai ao Lar encarrega-se de fazer a entrevista e outro dirige-se ao salão onde convive com os idosos em geral. Já que um dos nossos objectivos é o uso das novas tecnologias como ferramenta do próprio projecto, incitámos aos alunos encarregues desta tarefa a ensinar aos mais velhos como é que se usa a internet e para que é que ela serve. Outros ficam a jogar damas ou cartas com os idosos, tentando proporcionar-lhes uma tarde um pouco diferente do habitual. Os três grupos que ficam na sala de aula dividem-se entre a digitalização de fotos e documentos antigos que integrarão a nossa base de dados, a realização de um livro que descreve e ilustra o projecto, e a realização de envelopes para o acondicionamento de material fotográfico. Ao longo do 2º período, foi muito gratificante ver o à-vontade que os alunos foram ganhando com os idosos, o interesse que mostram pelas suas histórias de vida, e a familiarização que vão sentindo com a realidade do envelhecimento.

No 3º período está prevista a continuação deste trabalho de aproximação intergeracional, tal como a dinamização dos dados recolhidos.

Entrevistas

As entrevistas são momentos muito especiais, principalmente, quando o entrevistado se esquece das câmaras que tem à frente e nos con-



Figura 1 – *Formação em fotografia aos alunos do 12º A.*



Figura 2 – *Dois alunos do 7º A a digitalizar fotos antigas.*

vida a viajar ao seu próprio passado. É uma das actividades que os alunos preferem. Quando se ouve uma história de vida, cria-se intimidade.

Dado o número de entrevistas que o Arquivo de Memória pretende efectuar, estas não puderam ficar cingidas às recolhas feitas pelos alunos. Assim sendo, paralelamente, vão sendo programadas entrevistas com a comunidade em geral, realizadas pelas colaboradoras Inês Melhorado e Maria Sottomayor. Normalmente, são entrevistas mais longas e estruturadas, e visam recolher e identificar dados que permitirão contribuir para a investigação e estudo da História local e da comunidade.

A memória associada ao quotidiano do trabalho acaba por ser uma das temáticas fundamentais e transversais a todas as entrevistas (grande parte dos idosos, quando olha para trás, apercebe-se que a maior parte do tempo da sua vida foi passado a trabalhar...), ainda assim, temos recolhido histórias e descrições em torno dos vários focos identitários da comunidade local, nomeadamente festividades, percursos, ciclos agrícolas, comércio, etc.

Actividades intergeracionais

Este é o tempo reservado ao lazer, à abertura do diálogo, à partilha de experiências e valores. Aos laços que se criam numa actividade que é pensada para todos e não contempla faixas etárias. Dentro de todas as actividades que realizámos, resolvemos aqui destacar algumas. A visita inter-geracional ao Museu do Côa, com os alunos da Escola Secundária e os idosos do Lar Nossa Senhora da Veiga, é um exemplo agregador dos nossos objectivos. Por um lado, tentámos uma vez mais unir as diferentes gerações através de uma actividade em comum. Por outro, partimos do valor de um património material, geograficamente partilhado, como alavanca de reconhecimento de uma identidade colectiva. O facto de o próprio Museu do Côa recorrer a diversos dispositivos tecnológicos como ferramenta museológica de exposição, contribuiu positivamente para a aproximação das gerações mais velhas às novas tecnologias, o que veio a completar todos os objectivos que nos propusemos a atingir com esta visita.

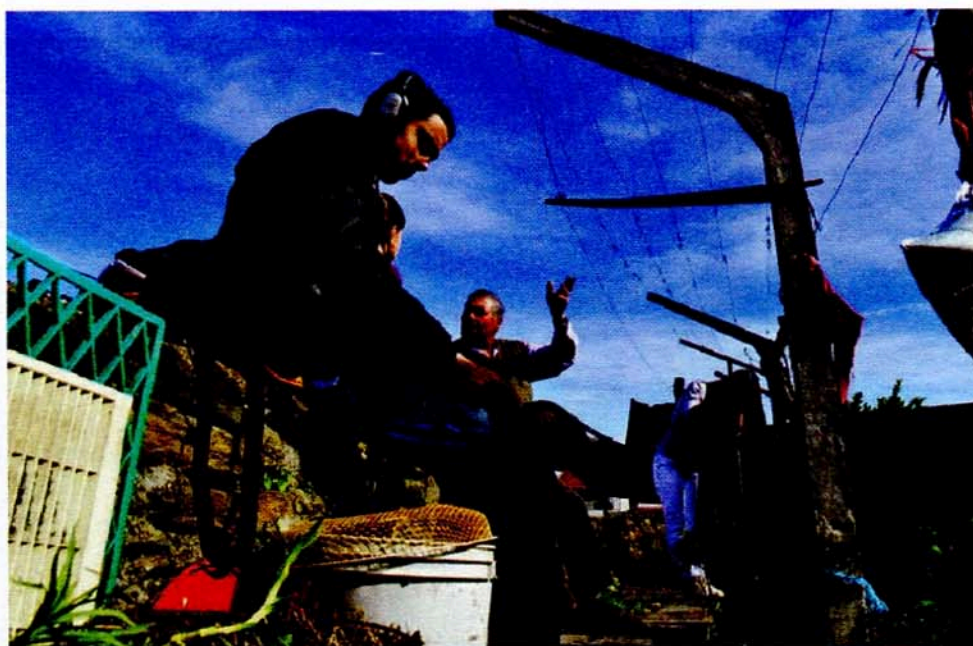


Figura 3 – Entrevista ao Sr. Eduardo Palavra realizada por Ana Carolina Póvoa, Rita Moutinho e David Frade (alunos do 12º A).

Sendo as Festas da Amendoeira em Flor um momento marcante para a comunidade fozcoense, outra actividade a que o Arquivo de Memória se propôs foi, a participação no seu Desfile Etnográfico, realizado a 13 de Março. O tema escolhido foi “Casamento à moda antiga”. Os alunos trataram de trazer algumas roupas de festa dos seus avós, de forma a podermos recriar uma verdadeira cerimónia festiva dentro no carro alegórico. Os idosos, mais concretamente algumas senhoras do Lar Nossa Senhora da Veiga, ajudaram-nos a fazer flores de papel que serviriam de decoração ao altar. No dia do desfile, e já que o nosso carro pretendia ser interactivo, convidámos a população a subir ao altar para tirar uma fotografia com os noivos. Foi uma verdadeira celebração entre o Arquivo de Memória e a comunidade!

Já que o Inverno é custoso para todos, principalmente para os mais velhos, pensámos festejar em conjunto a chegada da Primavera, mais uma vez planeando uma actividade entre alunos e utentes do lar. Para tal, contactámos o biólogo Manuel Calatróia, que nos ajudou a liderar uma acção de plantação de árvores nas imediações do

Museu do Côa. Desta vez eram os mais velhos que ensinavam os jovens a arregaçar as mangas e a por a mão na enxada. Davam ordens e tudo. Esperámos sinceramente que esta acção tenha deixado algumas sementes relacionais para o futuro...

Como já foi dito, o nosso projecto pretende, num futuro próximo, disseminar a sua actividade para outros concelhos e freguesias do Vale do Côa. Resolvemos então deslocar-nos à pequena localidade do Orgal para aprender os jogos tradicionais da região. Contámos com a colaboração do professor Rui Reininho, que tratou de levar vários jogos, bem como de dinamizar os grupos. Na carrinha que partiu de Foz Côa apenas iam os alunos do 7º A e 12ºA. Mas bastou a população do Orgal ver os jovens chegar ao terreiro da antiga Escola Primária, para se juntar imediatamente a nós. As actividades, para além do prazer que proporcionam, criam sempre momentos “pedagógicos”, em que se trocam informação e saberes. Neste caso, os jovens já não conheciam grande parte dos jogos tradicionais, cabendo mais uma vez aos idosos ensinar aos alunos as regras, por exemplo,



Figura 4 – *Interacção entre a comunidade e a nossa “noiva” no XXX Desfile Etnográfico da Amendoeira em Flor.*



Figura 5 – *Plantação de árvores no Museu do Côa.*

do batoque, da corronda ou da malha. E que grande agilidade todos mostraram! No final, o sorriso dos participantes confirmou o sucesso e a pertinência que têm este tipo de actividades. “Vocês podiam era voltar mais vezes!” – disse

a Sra. Maria, quando nos preparávamos para o regresso a Foz Côa. Não se preocupe Sra. Maria, voltaremos nem que seja para uma simples conversa e levaremos as fotografias dessa fantástica tarde para lhe mostrarmos.



Figura 6 – *Tarde de jogos tradicionais no Orgal – aluna e uma habitante do Orgal a saltarem à corda.*

Acondicionamento

É através de certos documentos que reavivamos a memória. Uma simples fotografia pode trazer um sem número de recordações, autênticas viagens ao passado. São muitas vezes as imagens que nos trazem o passado ao presente, que comprovam e materializam as lembranças. E é porque queremos manter a memória colectiva e individual desta comunidade, que promovemos e realizamos acções de acondicionamento de material fotográfico ou de documentos antigos. O Arquivo de Memória do Vale do Côa dispõe de material especializado para a conservação de fotografias e documentos, o que permite que todo o espólio familiar passe de geração em geração sem se danificar. Depois de digitalizados e devidamente acondicionados, os documentos são devolvidos aos proprietários. Deixamos desde já um apelo a toda as pessoas interessadas em acondicionar os seus arquivos familiares ou documentação antiga, que nos podem contactar através do e-mail, arquivodememoria@gmail.com. Conte connosco.

Novas tecnologias

Acreditamos que para criar uma ponte entre passado e presente é necessário assumir a contemporaneidade. Não pretendemos recolher memórias apenas com fins etnográficos, mas dinamizá-las e dar-lhes uma nova luz na actualidade. Acima de tudo, queremos tornar o passado vivo no presente. Sendo assim, fazemos uso das novas tecnologias diariamente, não só como meio de recolha e divulgação, mas também como facilitador de relações intergeracionais.

As entrevistas, por exemplo, são sempre feitas recorrendo a três meios de gravação: a fotografia, o vídeo e o microfone. Não nos basta o conteúdo ou a informação que possamos recolher para a base de dados, precisamos também da forma, da imagem, das expressões de quem nos fala. Queremos aqui ressaltar que todas as recolhas feitas são apenas divulgadas com a devida autorização dada pelos entrevistados.

Também todas as fotografias antigas que conseguimos recolher estão a ser digitalizadas pelos nossos alunos durante as aulas. Podem estar muito familiarizados com o scanner, mas uma fotografia a



Figura 7 – Diploma acondicionado pelo Arquivo de Memória com papel acid free.

preto e branco é uma novidade. É muito interessante vê-los a observar as imagens e a aperceberem-se das diferenças que existiam nas vidas de outrora. As poses feitas, as roupas, a praça tão mudada... Tudo é uma aprendizagem, e o passado alarga-lhes a perspectiva que têm do presente.

E, finalmente, a internet, que não serve só como meio de divulgação ao projecto, como também se tornou palco para conversas entre alunos e idosos do Lar. Ó dona Mimi, então o que é que vai querer hoje procurar no Google?

um conjunto de entrevistas e documentos recolhidos; várias actividades de animação promovidas e a chancela da Comissão Nacional da Unesco, permitem-nos perspectivar esta iniciativa como algo de benéfico para o Vale do Côa.

Apesar das dificuldades inerentes a um projecto desta natureza, foi possível, em função de um trabalho contínuo e persistente, apercebermo-nos que com o coração aberto e muita motivação, podemos realmente marcar a diferença e contribuir para a felicidade do outro, nem que essa felicidade



Figura 8 – Entrevista ao Sr. Reinaldo Coelho realizada por alunos do 7ºA.

O FUTURO

Decorreram sensivelmente sete meses desde o início do projecto - Arquivo de Memória do Vale do Côa – e sentimos já o impacto positivo do seu desenvolvimento, não só em nós próprios, como também em todas as pessoas envolvidas na sua dinamização.

As actividades até agora realizadas foram muito enriquecedoras para o desenvolvimento do projecto: o facto de, neste momento, podermos já contar com uma rede de parcerias sólida; dois períodos de aulas concluídos com os alunos;

só se vislumbra num sorriso, num pensamento, numa fotografia ou uma história partilhada.

Estamos conscientes que os projectos que implicam um trabalho de sensibilização, aprendizagem e de valorização do que é imaterial, necessitam de desafios constantes e de tempo para se concretizarem. Mesmo assim, acreditamos nos seus resultados futuros, e no quanto estes poderão determinar a construção de novas dinâmicas sociais, da identidade de uma comunidade, e do valor de um território que é o Vale do Côa.

Mais do que nunca, sentimos e desejamos fazer mais e melhor. Estas ambições não se re-

ferem apenas à conclusão deste projecto-piloto prevista para Setembro do corrente ano, mas também à vontade de definir novas estratégias que permitam a continuidade e divulgação do trabalho até agora desenvolvido.

É verdade que o futuro se perspectiva cada vez mais na incerteza, mas quando se trabalha com pessoas e com o património, assume-se inevitavelmente um compromisso. Este é um compromisso que queremos manter. E, por isso, estamos a trabalhar no sentido de encontrar novas formas de disseminação e sustentabilidade para o projecto.

Assim, e de forma a fortalecer a ideia do projecto, procurámos o apoio da Comissão Nacional da Unesco, que já deu a sua chancela para a criação de um Clube Unesco no Vale do Côa. Este suporte dará continuidade ao projecto-piloto e gerirá novos desafios ao seu desenvolvimento, incorporando também a ideia que quisemos enfatizar neste texto: partir de um património material ancestral, para dignificar o património imaterial contemporâneo. O Clube Unesco ligará assim indelevelmente, através do Arquivo de Memória, o património da mais antiga humanidade, ao património actual, das comunidades residentes no Vale do Côa hodierno.

Para que estes novos desafios se implementem de forma eficaz e inovadora, é fundamental a criação de redes no território que permitam a expansão do projecto aos outros 9 municípios do Vale do Côa, a outras instituições, às diversas Misericórdias e entidades que gerem os lares e centros de dia, aos diversos agrupamentos escolares e às associações locais.

Acresce sublinhar que da recolha dos saberes e memórias dos mais idosos, resulta um espólio de conhecimentos e de histórias sobre o território muito relevantes para a criação de conteúdos turísticos, enriquecendo fortemente possíveis itinerários que ajudarão a estabelecer conexões com significado e profundidade histórica entre o património material e imaterial do Vale do Côa. Os antigos caminhos das lavadeiras e dos moleiros, as profissões, os lugares comunitários, a tradição da olaria, as romagens religiosas e as festividades ligadas aos

ciclos das Estações do ano e das colheitas, são temáticas sobre as quais se podem vir a criar conteúdos promissores de visita e propostas turísticas inovadoras. Procura-se assim contribuir para aumentar o número e a satisfação dos visitantes do Parque e Museu do Côa e criar conteúdos e temáticas para que o Museu possa ser também um ponto de partida na descoberta de um território mais amplo.

Através da identificação e levantamento do património imaterial, pretendemos criar conteúdos específicos do Vale do Côa, com metodologias e resultados transversais a toda a região que contribuam para a consistência de um produto turístico denominado *Vale do Côa*. Para que tal aconteça é fundamental que as comunidades da região adquiram uma consciência colectiva do contexto de desenvolvimento regional em que se encontram inseridos, de forma a fazerem parte activa da construção da marca “Côa” e a atribuírem-lhe significado e densidade.

Agradecimentos

Não queremos terminar esta apresentação sem agradecer à Fundação Calouste Gulbenkian pela oportunidade que deram ao Vale do Côa e a este projecto. Agradecemos também a todos aqueles que abraçaram o projecto. Um obrigado especial aos alunos, idosos, professores e profissionais da Santa Casa da Misericórdia. Sem vocês, este projecto não aconteceria. Finalmente, aqui fica também o nosso mais solene agradecimento às instituições que nos apoiam. Obrigado a todos.

BIBLIOGRAFIA

- A.C.D.R. de Freixo de Numão (1998): *Do Imaginário ao Real no Freixo de Antanho*, Freixo de Numão.
- ARAÚJO, Maria da Graça e LADRA, Lois (no prelo): “Metamorfoses da ruralidade no Vale do Côa – Tempos, espaços, imaginários”, em AA. VV., *Actas do Ciclo de Palestras “Sociedades de Fronteira: territórios, identidades, mobilidades*, Guarda, Ed. Centro de Estudos Ibéricos.

- BAUMAN, Z. (2006): *Amor Líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Lisboa Relógio d'Água.
- MARQUÊS, Silvía (2009): *Educabilidade e construção de laços intergeracionais*, em Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, Braga, Universidade do Minho.
- RAMOS, M. João (2003): *Matéria do Património: Memórias e Identidades*, Lisboa, Edições Colibri.
- RAMOS, M. João (2005): *Breve nota crítica sobre a introdução da expressão “património inatingível” em Portugal*, em *Conservar para Quê?* Porto, Vítor Oliveira Jorge (coord.), Coimbra, DCTP-FLUP –CEAUCP-FCT. 67-76
- Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, Paris, 2003: http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/temas/cul_tema.php?t=9
- Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano-Entre Gerações: <http://www.gulbenkian.pt/section154artId2196langId1.html>